

Escócia, Irlanda e País de Gales: As Nações e Suas Literaturas

Mariana Lessa de Oliveira

Escócia, Irlanda e País de Gales: estes países compartilham uma história semelhante, porém cada qual com suas peculiaridades. Todas as três nações sofreram com as invasões inglesas e a repressão em nível nacional, lingüístico e cultural. Não foram apenas subjugadas economicamente e politicamente, mas culturalmente. Primeiro houve, o domínio político, a falta de recursos para decidir sobre o presente e o futuro do próprio país, e, por fim, a imposição da língua inglesa e a gradual perda das línguas locais, o escocês, o irlandês e o galês. Todavia, a diferença entre estes países está na forma como cada um resistiu às invasões nas várias formas como que elas ocorreram.

Embora todos os três tenham resistido de alguma maneira, os livros de história abordam com mais afinco as resistências feitas pelos irlandeses, que duraram até 2001, quando o IRA (*Irish Republican Army*) largou a luta armada por uma posição mais diplomática e pacífica nas negociações entre a Irlanda do Norte e a Inglaterra. Porém, a história irlandesa está cheia de grupos organizados que lutaram pela liberdade irlandesa desde os primeiros momentos de sua ocupação, o que os diferencia do resto das colônias inglesas.

A Escócia também teve seus líderes da resistência, sendo um dos maiores ícones históricos a figura de William Wallace, no século XIII. Já os líderes galeses, como abordado pelos editores do *The Penguin Illustrated History of Britain and Ireland*, parecem haver tolerado o domínio inglês de uma forma mais conformada, porém sempre mantendo a esperança de um dia se livrarem do jugo inglês, como mostra o poema *Armes Prydein Vawr*, datado da metade do século X.

Este poema é um pequeno exemplo de inúmeras obras literárias que perpetuaram o sentimento nacional em cada uma das nações subjugadas. É isso o que

todas têm em comum. W.B. Yeats, poeta irlandês, já dizia que não havia uma grande literatura sem nacionalidade e vice-versa. O movimento da renascença cultural escocesa do século XX acreditava que nenhuma manifestação cultural de uma nação poderia existir separada das esferas política, social e econômica da vida dessa nação. Assim, essa conceitualização corrobora a relação que Yeats já havia estabelecido anteriormente.

Se as três nações não obtivessem êxito em se separar do império por vias políticas, então restaria mesmo assim nos movimentos artísticos uma forma de resistência. Na Irlanda, este movimento se deu através de escritores como W.B. Yeats e J.M. Synge, entre outros, que coletaram lendas e mitos orais e começaram a inseri-los em suas obras. Eles não estavam apenas citando lendas de um passado nacional, mas as estavam recriando e, de certa forma, resgatando a memória cultural e a identidade de seu povo. Desta forma, o grupo não estava apenas desenterrando um passado nacional, mas o atualizando para o presente. Assim, em 1891, *The Irish Literary Society* de Londres foi criada, sendo seguida pela criação da *National Literary Society* em Dublin. Em 1893, a *Gaelic League* foi fundada, e em 1897 *The Irish Literary Theatre* foi aberto. Em 1904, *The Abbey Theatre* foi instituído em Dublin, e em 1908 a Irlanda teve a primeira escola bilingüe (inglês e irlandês) aberta pelo poeta nacionalista Patrick Pearse.

No País de Gales, os movimentos ocorreram um pouco mais tarde. Foi no período entre 1900 e a primeira guerra mundial que diversos trabalhos sobre o povo galês e sua língua foram publicados, com destaque para *The Welsh People* de John Rhys e Brynmor Jones e *Wales* do conhecido nacionalista galês Owen Edwards. Em 1907, foram abertos o museu nacional do País de Gales e a biblioteca nacional. Ao contrário da Irlanda, onde a produção artística nacionalista estava em diversas localidades, no País de Gales esta se destacava na região de Gwynedd, onde periódicos em galês eram publicados e onde a maioria dos escritores residia. Em 1911, cerca de mais de um milhão de pessoas já falavam galês, enquanto que na Irlanda a língua irlandesa já era pré-requisito para a ocupação de cargos públicos. Em 1961 o País de Gales abriu *The Welsh Books Council*, órgão que incentivaria a publicação de livros em galês, e em 1967 o País de Gales abriu o *Welsh Arts Council*.

Na Escócia, um dos maiores nomes da literatura nacionalista é o do poeta do século XVIII Robert Burns, que escrevia em inglês, mas também escrevia em escocês e, às vezes, utilizava as duas línguas. Além disso, Burns também coletou lendas e mitos escoceses e os adaptou para poemas e canções. O filho preferido da Escócia, como também é conhecido, serviu de inspiração para outros escritores e movimentos artísticos. Um dos movimentos de maior peso na história cultural escocesa é o Renascimento Escocês, oriundo do início do século XX. O grande nome dos esforços literários é o do escritor C.M. Grieve ou Hugh MacDiarmid. Entre 1920 e 1922, MacDiarmid publicou três antologias

de poesia escocesa, e também foi fundador do *Scottish Chapbook*. Com o tempo, porém, o movimento perdeu força e acabou por volta de 1960. Ou melhor, foi substituído pelas novas estratégias propostas por escritores como Alasdair Gray ou pelos membros da *New Scottish Writing Generation*, dentre os quais se destaca Irvine Welsh.

Assim, todas as três nações sempre tiveram seus movimentos artísticos que se esforçaram para manter vivo o sentimento nacionalista, às vezes com um êxito que perdura até os tempos atuais, outras vezes em tentativas que, infelizmente, não obtiveram sucesso por diversas razões. Todavia, mais importante do que ter tido sucesso ou não em seus esforços, foi o triunfo de haverem preservado uma história cultural em que cada nação pudesse se reconhecer, pois, como Yeats já havia dito, não há uma grande literatura sem nacionalidade e nem uma grande nação sem literatura.